

Um pequeno resumo do Memorial da Paixão e Morte de Jesus

A small summary of the Memorial of the passion and death of Jesus

Fernando José Castim Pimentel¹

Era a hora sexta. No calvário, entre dois seres humanos, havia um Deus. Um Deus feito homem para, com sua morte, reintegrar a humanidade nos planos de Deus Pai. Os que o rodeavam, sempre vistos como ladrões, eram também vítimas de uma mentalidade opressora, exclusivista e preconceituosa em relação à sociedade judaica.

No dia de hoje, Jesus morre para resgatar os nossos pecados. Para salvar a todos que vivemos numa sociedade massificada e, por isso mesmo, lesada continuamente por governos e classes que se sentem donos de si mesmos e de todos. Jesus expirou na hora sexta (15h), encerrando, assim, a missão que lhe fora dada pelo Pai Eterno. Também, nessa hora, os judeus imolavam as vítimas pascais – os cordeiros – uma mera tradição seguida friamente para rememorar os sofrimentos do Êxodo. Já ali, no alto do Gólgota, há uma imolação real, verdadeira, cruenta, ou seja,

uma imolação realizada, uma vez por todas, “tornou inúteis as vítimas materiais”.

Naquele monte destinado aos supliciados e mortos na cruz, ocorreram fatos que distinguem Jesus de todos os outros condenados: não lhe quebraram os ossos, de conformidade com as prescrições rituais do Êxodo (Êx 12, 46). Além disso, segundo os comentários da liturgia da Paixão do Senhor, um soldado *lancea latus eius aperuit et continuo exivit sanguis et aqua*, e tal sangue marcaria definitiva e misteriosamente a humanidade agora pertencente a uma nova vida, a um novo povo. Cristo é o novo cordeiro pascal.

Por outro lado, os acontecimentos da Paixão e Morte de Cristo não eram nenhuma novidade. O segundo Isaías (Is 52) já nos mostra a figura emblemática do Servo de Iavé: desfigurado, ensanguentado, humilhado, ofendido, torturado e morto. “Eis que o meu servo terá êxito e sua ascensão será no mais alto grau [...] Muitos ficaram pasmados ao vê-lo, tão desfigurado ele estava, que não parecia ser um homem ou ter um aspecto humano, mas tomou sobre si nossas enfermidades e sofreu nossas dores; sua punição foi o preço da nossa paz. Ele alcançará luz e ciência perfeita.” E, para uma visão mais completa, “o mistério de Jesus está no Cordeiro glorioso, diante de

¹ A Comissão Editorial da Paralellus, por meio desta reflexão, faz uma pequena homenagem ao Prof. Fernando Castim Pimentel, pelo trabalho e dedicação de tantos anos como professor do Curso de Letras, editor adjunto e revisor na Comissão Editorial da Universidade Católica de Pernambuco. O mesmo mostrou-se sempre muito disponível e generoso quando solicitado. Fernando Castim é graduado em Letras Neolatinas pela Universidade Católica de Pernambuco (1965), e em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (1965). Possui especialização em Linguística e Teoria da Literatura pela Universidade Católica de Pernambuco (1977) e mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (1979). Atualmente é revisor da Universidade Católica de Pernambuco.

Deus, portando suas cinco chagas, Senhor do mundo e da história." (A 5).

Toda a celebração do memorial da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo gira em torno de nós, seres humanos, macerados que somos pelos pecados. Daí a Igreja orar por intenções as mais diversas e pôr em destaque os nossos sofrimentos diários numa verdadeira síntese pascal.

- Na carta aos Hebreus (Hb 4), o Filho de Deus fez-se em tudo semelhante aos homens, tornando-se capaz de compadecer-se do sofrimento humano. Essa é a ação sacerdotal de Cristo Crucificado.
- O evangelho de João (Jo 18), o escândalo da cruz é o definitivo sacrifício pascal, reunindo o povo da Nova Aliança. Todas as nossas fraquezas, pecados, misérias se lavam no sangue do Homem-Deus. Todos são redimidos – *Sine sanguine non fit remissio*.
- Nas Orações Universais, o sacerdote pede que Deus vele pelo rebanho do seu Filho, pelas ovelhas sem pastor, pelos judeus, pelos que não creem, pelos crucificados da América Latina, pelas vítimas da violência, pelo meio ambiente. Enfim, “para que todos os seres humanos achem em Vós o seu repouso, e conceda-lhes a graça de superar as dificuldades deste mundo, discernindo os sinais da bondade de um Deus que se imolou, para proclamá-lo como o único verdadeiro Deus.

- E a oração sacerdotal que culmina com o pedido da Igreja “pelos nossos trabalhos e por todos os que clamam em aflições, para que se alegrem em suas provações com o socorro da vossa misericórdia”.
- No cântico da adoração da cruz, exclama-se: “Deus tenha piedade de nós e nos abençoe, / faça brilhar sobre nós a sua face.” E, em seguida, as lamentações de Deus sobre o povo escolhido:
 - ❖ Eu te fiz sair do Egito e com maná te alimentei.
 - ❖ Bela vinha eu te plantara, águas doces te dava.
 - ❖ Flagelei os primogênitos e afoguei o faraó.
 - ❖ Eu te abri o Mar Vermelho e pus maná no deserto.
 - ❖ Fiz da pedra correr água com que matei tua sede.

Tu, porém, povo meu:

- Plantaste a lança em mim.
- Tu me flagelaste.
- Entregaste-me aos sumos sacerdotes.
- Abriste-me o coração.
- O teu fel me saturou.
- Bateste-me com uma cana.
- Coroa de espinhos puseste em minha cabeça.
- Só me exaltaste na cruz, porque à morte me entregaste.

- *Popule meus, quid feci tibi? Aut in quo contristavi te?*

Algumas observações sobre o contexto histórico do julgamento de Jesus

1. O controle de Jerusalém pelos romanos se deu numa campanha militar em 63 a.C. quando Pompeu estava no poder. Os exércitos romanos pretendiam levar a todos a Pax Romana, ou seja, uma paz que vinha das botas e coturnos dos seus soldados sobre populações indefesas. Apesar das repetidas revoltas judaicas, Roma não abandonou a Palestina. Os tributos eram recolhidos pelos judeus amigos dos romanos e o povo vivia na miséria. Só a classe sacerdotal tinha privilégios, porque bajulava Pilatos, governador nomeado pelo imperador. A população já não suportava os impostos, e Pilatos temia os levantes, porque seu governo dependia de César.
2. Fatos absurdos ocorreram no julgamento de Jesus: não se estabeleceu um processo; o réu não teve defensores; o juiz (Pilatos) não encontrou culpa alguma; não houve crime para condenação à cruz; todos os depoimentos partiram de uma corja que tinha o poder religioso e se sentia ameaçada. Ressalte-se: um soldado deu-lhe uma bofetada, fato bastante irregular, especialmente quando o prisioneiro estava amarrado.
3. Os açoites serviam para humilhar o prisioneiro como também para desencorajar seus seguidores.
4. Os condenados geralmente carregavam a trave horizontal da cruz – *patíbulo* – até o local da execução.
5. De acordo com a tradição judaica, os cordeiros pascaís eram pendurados em ganchos de ferro e esfolados. Veja-se Jesus: o cordeiro pascal por excelência, já açoitado, ofendido e pendurado na cruz.
6. Segundo Keener (p. 327), Jesus foi acusado de alta traição contra a majestade do imperador. Para os judeus, Ele queria ser Deus.
7. Acima da cabeça dos condenados, estava escrito o seu crime. No caso de Jesus, como, para Pilatos, seu crime foi uma tentativa de usurpar as prerrogativas da realeza, ordenou o governador romano que sobrepusesse à sua cabeça: INRI, ou seja, **Iesus Nazarenus Rex Iudeorum**.
8. A túnica de JESUS era uma túnica inconsútil (do lat. In + com + sutilis), isto é, sem costura, tecida de cima a baixo. Já saía assim do tear. Daí ser uma preciosidade para os soldados. Era ela também semelhante à dos sumos sacerdotes.
9. O *hissopo* era uma planta, a qual, embebida em vinagre, servia para narcotizar a dor dos crucificados.
10. A frieza de Jesus diante de Pilatos, sem lhe dar qualquer resposta, mostra-nos a submissão de Jesus à

- prisão e ao julgamento, justificando, assim, sua entrega total para o sacrifício.
11. Como foram contraditórios os carrascos religiosos e outros judeus! Tinham verdadeiro ódio aos romanos, mas exclamam: “Não temos outro rei, senão César.” Um oportunismo vil e barato.
 12. Um dos ladrões – o que arrependido estava – foi salvo: “*Hodie mecum eris in paradiso*”. Estava canonizado pelo próprio Cristo.
 13. “Um soldado lhe abriu um lado com uma lança”, prova de que Jesus não estava em coma. Estava morto. E todos os seus ossos estavam intactos. Assim se cumpre a Escritura (Sl 34, 20).
 14. Os corpos não podiam ficar na cruz porque contaminariam a terra. Isso revela uma insensibilidade perversa, “*que reuniam forças para cometer um assassinato e, ao mesmo tempo, estavam cheios de cuidados meticulosos com relação à lei cerimonial*”.
 15. Os crucificados que eram amarrados em corda geralmente demoravam dias para morrer. Podiam descansar num suporte, no meio da cruz para minorar a asfixia. Depois, quebravam-lhe as pernas com barras de ferro. O costume romano era deixar o corpo apodrecer, mas, na Judeia, os romanos acatavam o desejo dos judeus de não ficarem corpos durante suas festas religiosas. Os judeus sempre enterravam suas vítimas antes do pôr do sol.
 16. Quanto ao sepultamento de Jesus, o comum era jogar os corpos numa vala comum para os criminosos. Para os judeus, porém, sepultar os mortos era um dever piedoso e um ato de amor. É importante lembrar que o corpo de Jesus foi embrulhado em tiras de linho e não em mortalha, como faziam os judeus.
 17. Jesus foi colocado num sepulcro especial, perto da cidade. Não pode, pois, ser confundido com outro ou outros, que eram enterrados *extra muros*.

As lágrimas de Pedro

Quem era Pedro? De todos os que seguiram a Cristo, Pedro é o mais conhecido. Pescador do mar da Galileia, conhecemos Pedro como um dos primeiros a ser chamado para ser pescador de homens; foi o aquele a quem Cristo deu o nome de *Cefas*, isto é, pedra

– fundamento da Igreja e dos princípios pregados pelo Salvador; conhecemos Pedro quando tentava andar sobre as águas, talvez querendo provar sua fé ou – quem sabe? – achando aquela façanha um verdadeiro barato; conhecemos a Pedro como aquele que, inspirado pelo Espírito, refere-se a Jesus como

o Cristo, Filho de Deus vivo; conhecemos Pedro como o discípulo que, impelido pela emoção do momento, constringido pela prisão do seu amo e senhor, cortou a orelha do soldado Malco; conhecemos a Pedro como o homem que, no dia de Pentecostes, dirigiu-se ao mundo, iniciando uma nova Igreja, fundada no Ressuscitado e inspirada no Espírito do Altíssimo; conhecemos um Pedro em êxtase diante de Jesus transfigurado, a ponto de exclamar: *si vis faciamus hic tabernacula tria: tibi unam, Moise unum, Eliae unum*; conhecemo-lo em tantos outros momentos, mas não conseguimos conhecê-lo melhor após negar o seu Mestre três vezes. Aí está o verdadeiro Pedro para nós: o Pedro frágil na fé, medroso diante dos acontecimentos, cheio de pavor mesmo diante de uma criada – *não sei do que você está falando* –, escondido na multidão ou andando sem destino pela Jerusalém deserta, a carregar a tristeza que lhe invadia a alma. Figura interessante a de Pedro! Tão arrogante em certas ocasiões, mas tão covarde em outras. Aí está o homem que seguia a Jesus. Negou-o verdadeiramente – “Eu não”. Ele nega estar ligado a Jesus, o humano. O evangelho relata que ele foi esconder-se entre os outros empregados e os guardas do

Sinédrio, o que nos leva a pensar que se identifica ao sistema injusto que gera a morte do povo. Ele sente frio e vai aquecer-se num calor estranho, o calor da ideologia da injustiça que gera a morte (BORTOLINI, p. 166). Logo após a terceira negação, um galo canta, aquele ser misterioso por cantar nas horas mais estranhas da noite e, assim, ter parceria com o demônio. “E o canto do galo é como que o eco da voz de Simão Pedro que nega a Jesus” (BORTOLINI, 167). Diz o relato de João que Pedro, reconhecendo sua ingratidão, retirou-se dali – *et flevit amare*. Chorou amargamente.

Pedro é o retrato de toda uma humanidade que continua, mesmo nos nossos dias, a negar Jesus. É o pecador que ouve a voz de Jesus e chora amargamente os seus pecados. Pedro somos todos nós no sinédrio e no caminho do calvário. Lavamos a nossa roupa suja com um ato de contrição e, logo após, voltamos ao sinédrio para negá-lo novamente. Pedro é a humanidade inquieta, medrosa, escondida da verdade, atrás dos pórticos e nas vielas escuras – *et sequebatur eum a longe*. Dele tiramos algo para imitar: as lágrimas do arrependimento, que lavarão os nossos pecados e nos conduzirão melhor a uma bela manhã da ressurreição.